



Sessão Coordenada 05

Antonio Vicente Marafioti Garnica

É sempre temeroso comentar trabalhos que não nos são familiares, posto que, não tendo participado das tramas de seus desenvolvimentos, podemos incorrer em erros e injustiças causados, no mais das vezes, pela leitura dos registros enviados por seus autores que, muitas vezes, escondem as cicatrizes das práticas de pesquisa que resultaram nos registros apresentados. Ainda assim, tento comentar os três trabalhos inscritos nessa Seção Coordenada de número 5 com a intenção de contribuir com os autores.

À risca, nenhum dos textos apresentados é, propriamente, uma pesquisa em sentido estrito. Sob meu ponto de vista, os três textos tratam de aspectos essenciais para uma pesquisa, mas não desenvolvem esse tema de modo a torná-los independentes, como pesquisa, das investigações das quais eles fazem parte. Tento explicar melhor: o texto de Mélanie Silva dos Santos e Diogo Franco Rios cuida de traçar considerações sobre como foi constituído um acervo documental que apoiou uma pesquisa específica sobre exames de admissão em uma instituição da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Sendo assim, este texto trata da organização de fontes disponíveis para uma pesquisa, não sendo, em si, a pesquisa viabilizada por essas fontes. Por sua vez, o texto de Jean Sebastian Toillier esboça elementos de um projeto de pesquisa em que a mobilização de fontes escritas e orais servirão para criar uma narrativa biográfica de uma professora-pesquisadora bastante conhecida no campo da Educação Matemática brasileira. Portanto, este artigo traz mais propriamente um esboço de fundamentação que dá base a um projeto de pesquisa, não tratando do que foi/será desenvolvido segundo essas fundamentações e esse projeto. O último texto apresentado nessa sessão é de autoria de Leandro Josué de Souza, Bruno Alves Dassie e Mirian Maria Andrade, três pesquisadores do campo da Educação Matemática com experiência no tema da análise de livros (ou, de forma mais geral, de materiais escritos) relacionados ao ensino de Matemática. Para seus estudos nesse campo, os três autores mobilizam a Hermenêutica de Profundidade, uma referencial teórico-metodológico cujos parâmetros centrais são dados por John Thompson, um sociólogo inglês. O texto que Souza, Dassie e Andrade submeteram a essa sessão coordenada faz uma discussão breve, mas panorâmica, exatamente sobre o uso desse referencial

teórico metodológico em Educação Matemática. Portanto, este artigo é, mais especificamente, um levantamento bibliográfico que apoia (ou pode apoiar) inúmeras pesquisas a partir da discussão de pesquisas já desenvolvidas.

Esses meus comentários anteriores, eu penso, justificam minha afirmação inicial, qual seja: a rigor, os textos apresentados nessa sessão não apresentam, em sentido estrito, uma pesquisa específica, independente, mas tratam de elementos fundamentais a uma pesquisa (a saber: da constituição de fontes, da necessidade de um projeto bem fundamentado, e da importância de uma revisão bibliográfica panorâmica e representativa sobre determinado tema).

No que diz respeito ao trabalho cujo título é *Construindo o fundo documental 'A Matemática nos Exames de Admissão no Gymnasio Pelotense'*, devo ressaltar que é sempre recomendável referir-se, numa investigação, ao modo como o acervo de fontes (de qualquer natureza) foi constituído, não porque isso nunca tenha sido feito, mas porque as experiências singulares de cada autor, no desenvolvimento de suas pesquisas, agregam elementos novos que podem ser esclarecedores para pesquisas futuras. Mas dois fatores, nesse sentido, são, do meu ponto de vista, importantes: (a) cuidar de não heroificar o trabalho do pesquisador nessa atividade de criar e organizar acervos, pois já está registrado (e até mesmo tratado de modo profundo em alguns artigos e livros) à exaustão, que essa atividade é tão necessária quanto penosa, dado que os acervos escolares são, via-de-regra, descuidados e/ou criados sob o signo da urgência e da emergência, e (b) não negligenciar, de modo algum, as iniciativas já disponíveis sobre organização de acervos (cito, como um dentre os vários exemplos possíveis, o importante manual sobre esse tema divulgado gratuitamente pela Fundação Mário Covas, de São Paulo. Esse manual, de *download* gratuito no site da instituição, tem uma linguagem simples e clara, e apresenta métodos de organização de documentos possíveis, exequíveis, econômicos, fáceis de executar, mas muito adequadas para serem usadas em pesquisas historiográficas, principalmente num momento – como o que passamos – em que escasseiam consideravelmente as verbas de apoio à Ciência (mais ainda, em particular, às Ciências Humanas). É importante cuidar de agregar compreensões aos processos de constituição de fundos documentais tanto quanto é necessário não estar, a todo momento, reinventando a roda.

Quanto ao trabalho de Toillier (*Uma proposta biográfica aliada aos usos da História Oral e a pesquisa em um arquivo pessoal*), cumpre ressaltar que uma narrativa biográfica, desenvolvida por um determinado autor, CRIA um biografado e não meramente coleta e disponibiliza informações e circunstâncias sobre a vida do biografado. Nesse sentido, o texto de Toillier, aqui sob apreciação, é marcado por uma distorção, pois ao mesmo tempo em que assume estar criando (o gerúndio aqui é importante) fontes para a narrativa biográfica (mais especificamente, em entrevistas com a professora biografada, mas também parte do acervo documental a ser mobilizado para a constituição dessa narrativa), ele já nos apresenta um biografado pretensamente completo a partir de dados específicos que a ele já foram disponibilizados. Tendo já criado o personagem a partir dessas datas e situações extraídas das fontes que ele já tem à mão, não há mais espaço para elaborações biográficas além de detalhamentos, comprovações e/ou desmentidos tornados possíveis a partir do cotejamento entre o que já se tem e as fontes ainda em produção, o que, segundo penso, contraria as noções de biografia e narrativa defendidas pelo próprio autor no texto apresentado a essa Sessão Coordenada de

comunicações.

Finalmente, o artigo Alguns apontamentos acerca da mobilização da Hermenêutica de Profundidade como referencial teórico metodológico em pesquisas em Educação Matemática traz um levantamento panorâmico, usando um universo composto por 21 trabalhos de pesquisa, sobre esse modo de analisar formas simbólicas. Penso que esse referencial, vinculado ao conceito de Paratextos (de Gerard Genette), traz à Educação Matemática uma potencialidade expressiva, qual seja, a de não reduzir a análise de fontes escritas (livros, apontamentos, legislações, atas etc) a uma mera descrição dessas fontes. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que não há, a rigor, nada de novo no que propõe Thompson (que uma hermenêutica deve cuidar do diálogo entre a obra produzida e o contexto de produção dessa obra, visando a compreender os modos como a obra promove ou subverte relações assimétricas de poder, ou seja, visando a compreender a ideologia que cerca tanto a obra produzida quanto sua produção). Ocorre que, de modo bastante claro, objetivo e bem fundamentado (na Filosofia e na Sociologia), o texto de Thompson que apoia o uso desse referencial traz não só uma defesa das potencialidades dessa maneira de interpretar obras humanas, mas dá, aos leitores, elementos concretos e específicos de como essa interpretação pode ser conduzida. Isso não implica que o trabalho de Thompson seja um guia ou um manual normativo, já que todas as disposições desse autor, segundo ele próprio sublinha, devem ser avaliados pelo hermeneuta, com o que as sugestões de Thompson tornam-se um bom roteiro (um roteiro bastante abrangente, mas flexível) para ser usado por pesquisadores interessados, por exemplo, no tema “análise de livros didáticos de Matemática”.

São essas as considerações que eu pude elaborar na tentativa de problematizar e promover a discussão sobre os três textos apresentados nessa Sessão Coordenada do IV ENAPHEM.